

# Por que estudar a mídia? Uma reflexão de seus desdobramentos no contexto da globalização

Rodrigo Augusto Kovalski<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo terá como objetivo discutir quatro pontos dentro dos contextos de Mídia e Poder e seus desdobramentos na (des)construção de identidades antes locais para agora globais. A primeira discussão que este trabalho suscitará será a democracia pós-moderna e a estética do capitalismo / consumismo. A segunda é intitulada os efeitos midiáticos e do poder na sociedade pós-moderna do espetáculo. Na sequência é discutido sobre a Indústria cultural e a manutenção do poder da aparência. E o último tema dentro do artigo é intitulado da colônia antiga à teia globalizada, tópico onde será discutido os impactos que as tecnologias trazem aos modos de subjetividades das identidades por meio da (des)construção, sejam individuais ou coletivas. O resultado da análise deste artigo levará à reflexão dentro dos contextos de (des)construção das identidades globalizadas contemporâneas, além da discussão de uma realidade imanente a todos dentro das sociedades.

**Palavras-chave:** Mídia. Poder. Identidade.

## Introdução

Este artigo terá como objetivo realizar uma análise contemporânea das mídias e os desdobramentos de seu poder nas sociedades capitalistas, para isso esta pesquisa terá como pergunta central a ser respondida: até onde os meios de comunicação de massa influenciam a vida dos indivíduos na sociedade capitalista?

Discutirá sobre a importância dos meios de comunicação hoje, além de traçar uma breve síntese sobre os efeitos de poder que estes instauram, já que suas forças dominam os “olhares e mentes” das sociedades. Este estudo busca um entendimento de como as sociedades e indivíduos, se veem vulneráveis perante suas influências diárias, sejam estéticas, visuais, mensagens subliminares ou até mesmo aspectos psicológicos.

Hoje, devido tamanha evolução dos meios de comunicação social, o sistema faz, para não dizer, obriga os indivíduos a adentrarem dentro de plataformas ou sintonizarem determinados aspectos virtuais para se sentirem parte de um todo, para não serem, isolados socialmente, como a Sociologia diagnóstica. Para isso os sujeitos são embutidos em um processo tão grande e complexo, ao ser analisado, mas para quem apenas sofre este processo, não passa de uma simples evolução pela qual a sociedade está passando, como a da invenção da imprensa, a Revolução Industrial ou fatos assim.

---

<sup>1</sup> Doutor pelo Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e professor do curso de Letras / Português da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Campus Irati / PR.

*Revista Língua & Literatura*, v. 18, n. 31, p. 14-25, ago. 2016.

Recebido em: 6 abr. 2016

Aprovado em: 20 jul. 2016

Estes artefatos visuais / virtuais integram o sujeito a uma sociedade, a um todo, desta maneira, os meios de comunicação de massa cumprem a função que lhes cabe pelo seu próprio nome, são como diz a origem latina, meios ou intermediários (*media*). Função ainda que é a de integrar por estes meios os sujeitos a meios maiores, a sociedades distintas, diferentes e longínquas. Mas justamente neste entremeio do acontecimento, onde se desvendam as mensagens, é aqui que se instaura o poder, ou seja, quem detém em mãos os meios, as mídias “detêm um poder”. Quem possui as mídias instaura um poder de como divulgar e o que divulgar e em que contexto isto vai acontecer. E são exatamente estes momentos de escolha, que literalmente guiam os fenômenos do capitalismo e consumismo nas sociedades contemporâneas. Desta forma todos os conjuntos de vidas humanas socialmente ativas dentro do capitalismo, são afetadas pela entrada, em sua vida, dos meios de comunicação.

Mídias que, desde a primeira análise, são notadas na vida do sujeito, desde a mais tenra idade, ou seja, a vida do sujeito, sua vida social é toda guiada desde a infância pelas mídias, desde o brinquedo, a comida, posteriormente as roupas, mais tarde, os carros e assim segue, ditando todos os aspectos de aparência e essência da vida de uma pessoa em sociedade.

Por isso, este artigo, pretende debater os aspectos que a mídia está envolvida com as relações de poder da sociedade. E para buscar entender este assunto tema é dividido uma linha de pensar em quatro formas de entendimento: a primeira, intitulada “a democracia pós-moderna e a estética do capitalismo / consumismo”, irá debater como muitos aspectos da sociedade contemporânea, onde tudo é pautada pela exibição midiática, lugar que nasce as estéticas da moda, do consumo, da aparência, assim este tópico, debaterá como cada vez mais as sociedades estão se pautando pelas estéticas da aparência e não pela essência do ser humano, priorizada por algumas ciências que buscam entendê-la, como a Filosofia, Sociologia, Estudos Culturais e as premissas de qualquer religião, do Catolicismo ao Budismo, religiões que pautam o inverso, a essência, contrapondo as vertentes sociais capitalistas midiáticas contemporâneas.

A segunda linha de pensar é intitulada “os efeitos midiáticos e do poder na sociedade pós-moderna do espetáculo”. Esta linha, em síntese, debaterá como as grandes massas são influenciadas por políticas de “pão e circo” modernas, onde os grandes órgãos das mídias possuem um poder de influenciar a opinião pública de uma nação.

A terceira forma de entendimento ao assunto chamada neste artigo de “Indústria cultural e a manutenção do poder da aparência” discutirá como as indústrias culturais difundiram determinadas culturas como elitizadas ou estigmatizarão determinadas culturas

como “culturas pobres”, ou “culturas de massa”, e como estas máquinas sacrificaram a arte autônoma dos indivíduos, pois hoje, é mais fácil clicar um botão, ou ligar um aparelho de TV e receber uma “determinada cultura”, dita pronta, do que eu enquanto sujeito, criar uma forma cultural que represente a minha maneira de pensar perante a sociedade.

E a quarta e última forma de entendimento ao assunto é intitulada neste texto, como “da colônia a teia globalizada”, esta discussão elegerá as evoluções sociais que a sociedade, num curto espaço temporal, está sofrendo, onde busca entender como os impactos da tecnologia estão afetando diretamente as sociedades e seus indivíduos e como estão alterando suas percepções de subjetividade perante processos individuais ou coletivos. Discussão que será ampliada para entender como a globalização, está dia após dia alterando e descentrando sociedades e sujeitos, tirando a concepção do local, definido e claro, para uma ampliação, onde coloca o sujeito num âmbito global, nada definido e como se encontra em processo evolucionário, se trata, ou conota, como algo não claro, ainda obscuro, pois depende das vertentes do capitalismo para sua sustentação.

Desta forma, após discussão breve e concisa dos quatro entendimentos, este artigo quer eleger uma forma possível para entender os desdobramentos que as mídias estão instaurando hoje nas sociedades contemporâneas, por meio de seus efeitos de poder, demonstradas por suas estruturas midiáticas, assim este artigo, não busca explicar o assunto, mas sim dialogar e entender os efeitos, os quais todos nós hoje estamos expostos.

## **2. A democracia pós-moderna e a estética do capitalismo / consumismo**

Se analisado a palavra democracia, seu conceito, segundo o Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete (1964, p. 1082) é “governo em que o povo exerce a soberania. A influência do povo no governo de um estado. Sociedade livre em que prepondera a influencia popular. O partido democrático; Doutrina democrática”.

Com esta definição pode-se entender que quando se analisa uma sociedade democrática, o poder social está nas mãos do povo. Mas será esta a real realidade presente hoje nas sociedades democráticas? A sociedade se encontra em estado livre, onde não é influenciado por outras camadas? O Estado está realmente sendo construído de maneira livre, onde pensa do caráter do bem viver de todos seus cidadãos?

Como notado na teoria, o conceito é perfeito, mas ainda indagamos: Hoje, vive-se realmente uma democracia? O poder está realmente nas mãos do povo? A escolha de seus líderes acontece de maneira realmente livre? Sem pré-definições ou persuasões midiáticas?

Creio que a resposta é clara que não, vivemos em uma democracia, temos o direito de escolha sim, mas vivemos sobre um efeito de pressão das mídias, principalmente as grandes massas, e como as sociedades são predominantemente marcadas pelas massas, as quais não possuem uma ideologia própria e demarcada, estas são levadas pelos efeitos da mídia, para demonstrar isso, basta lembrar qualquer processo eleitoral, onde grandes partidos, os quais possuem uma maior carteira de financiamentos, conseguem ser mais vistos nas mídias, e como diz o ditado: “quem é visto é lembrado”.

Assim, este enfraquecimento que a democracia está sofrendo, já advém de algumas décadas, principalmente a partir da década de 1960 quando as sociedades já em crise do moderno suscitam a palavra tecnologia, como palavra de ordem as sociedades, quando a tecnologia entra evoluindo e modernizando as sociedades, ela cria um monumental abismo diante de todos, pois como vive-se desde que se nasce sobre a imposição do capitalismo, as sociedades e sujeitos que possuem o capital, possuem a mais alta tecnologia e conseqüentemente habitam uma sociedade de poucos, elitizada, mas ao mesmo tempo que a tecnologia traz o melhor as sociedades e indivíduos, as sociedades que não possuem o capital, estão e se encontram longe desta sociedade, dita padrão, evoluída.

Outro aspecto que cabe a discussão é dialogar como a tecnologia está num processo inverso às premissas da Sociologia, a qual elege a sociabilidade humana, como principal característica do Ser. De 1980, principalmente, até hoje, as tecnologias estão cada vez mais restringindo os sujeitos do meio social real, o levando a um outro mundo: o virtual.

No mundo virtual das tecnologias, o ser humano habita uma outra realidade, a qual desconfigura a carne e eleva os padrões estéticos da aparência, onde no mundo virtual, as premissas da virtude são trocadas pelos efeitos da aparência, onde não importa o que o sujeito é, em sua formação psicológica, mental ou espiritual, mas sim, o que o sujeito possui, seja em bens materiais ou dentro da estética.

E estas discussões das sociedades pós-modernas defrontam diretamente com os aspectos do capitalismo e de sua sombra, o consumismo. Para entender melhor o processo capitalista, elejo um trecho o qual explica que o capitalismo é:

um sistema econômico que se baseia na supremacia do capital sobre o trabalho, isto é, que difere a última instância das decisões que controlam o processo produtivo àqueles que tem o capital. O surgimento do capitalismo foi propiciado pela convergência de várias circunstâncias históricas, e coincidiu com o início da revolução industrial. Entre elas circunstâncias, as principais foram as seguintes: 1ª) os rápidos progressos da tecnologia que revelaram a possibilidade de utilização de novas formas de energia ( a princípio, a energia a vapor; mais tarde, a energia elétrica), dando lugar a novos processos de produção, substituindo-se a produção de

tipo artesanal, pela produção em série; 2ª) a enorme ampliação oferecida aos mercados europeus, pela colonização da Ásia, África e Américas; 3ª) o esfacelamento das estruturas corporativas da Idade Média, que regulamentavam o exercício das profissões e disciplinavam a concorrência. O capitalismo nasceu, assim, sob o signo do liberalismo que inaugurava uma total liberdade da iniciativa privada no processo produtivo e excluía dele qualquer intervenção do Estado. Como sistema econômico, o capitalismo não tinha uma ética. Regulava-se exclusivamente pelas indicações do mercado e neste, pelo mecanismo da formação dos preços, que obedecia à lei da oferta e da procura. Os inícios do capitalismo foram, em consequência, marcados por um violento espírito de concorrência, no qual os diversos produtores visavam aumentar lucros, diminuindo os preços de custo e elevando os preços de custo e elevando os preços de venda. O capitalismo foi responsável por tremendas injustiças contra a classe operária, obrigada a trabalhar em troca de salários. (...) o conjunto das misérias por ele causadas passou à história com o nome de questão social. Aos poucos, verificou-se que o sistema capitalista tinha defeitos insanáveis, tais como: 1º) provocava graves crises periódicas de superprodução, aumentando sempre mais sua capacidade produtiva, e não redistribuindo proporcionalmente as rendas pela classe trabalhadora; 2º) funcionava tendo em vista apenas o lucro, em regime de concorrência, constituindo-se, inevitavelmente, num mecanismo de exploração dos fracos pelos economicamente fortes. Pouco a pouco, o capitalismo evoluiu para novas formas, as quais podem ser agrupadas sob o nome de neocapitalismo. Entre os fatores que agiram nessa evolução, deve-se assinalar a organização crescente das forças sindicais. E a difusão do catolicismo social. O neocapitalismo ainda é o capitalismo, isto é, mantém nas mãos do capital a última instância das decisões, mas apresenta características novas: 1ª) admite a intervenção do estado, como responsável pelo bem comum, para impedir a concorrência violenta e prevenir as crises econômicas; 2ª) aceita novas formas de relações humanas na empresa, daí resultando, inclusive, maior produtividade (ÁVILA, 1976, p. 92, 93).

Com base nas premissas do capitalismo demonstradas acima, e se analisado a sociedade contemporânea, nota-se como a estética do capitalismo juntamente com a democracia desvirtuada, está encaminhando a sociedade para um viés onde os entendimentos de suas bases e raízes não são mais pautados e se tornam irreconhecíveis para as sociedades e pessoas que as vivem.

Desta forma, esta primeira maneira de buscar entender as formas de poder que existem na sociedade, e compreender como as mídias entram ou desenvolvem estes sistemas, passo para o desdobramento do assunto dentro deste artigo, os efeitos midiáticos e do poder na sociedade pós-moderna do espetáculo.

### **3. Os efeitos midiáticos do poder na sociedade pós-moderna do espetáculo**

Início esta discussão, apresentando a segunda premissa de Karl Marx a respeito da cultura, o qual narra que a cultura envolve poder, contribuindo para produzir assimetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais para definir e satisfazer suas necessidades.

Guy Debord, o criador do conceito de “sociedade do espetáculo”, definiu o espetáculo como o conjunto das relações sociais mediadas pelas imagens. O mesmo autor também esclarece que é impossível a separação entre essas relações sociais e as relações de produção e consumo de mercadorias. Segundo Coelho “a sociedade do espetáculo corresponde a uma fase específica da sociedade capitalista, quando há uma interdependência entre o processo de acúmulo de capital e o processo de acúmulo de imagens” (2011, p.60).

Ainda o mesmo autor diz que

a sociedade do espetáculo só pode ser compreendida dentro do contexto da sociedade capitalista, isso não quer dizer que só nessa forma de vida social ocorre a produção de espetáculo. A produção de imagens, a valorização da dimensão visual da comunicação, como instrumento de exercício do poder, de dominação social, existe, conforme argumenta Debord no livro *Sociedade do Espetáculo*, publicado em 1967, em todas as sociedades onde há classes sociais, isto é, onde a desigualdade social está presente graças à divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual. (COELHO, 2011, p. 60)

Nas sociedades capitalistas, o poder do espetáculo está em toda a vida social, ou seja, como a sociedade se encontra “desconfigurada” dos efeitos da essência, e apenas em grande magnitude, ligada à aparência, é exatamente neste entremeio que se instauram os movimentos da indústria cultural, a qual tem como conceito eleger e formar a sociedade do espetáculo, por meio de toda uma simbologia criada ao longo das décadas que ajudam a instaurar a cultura de elite e a diferenciar a cultura de massa.

É esta construção, que os grandes conglomerados empresariais como as Organizações Globo, no contexto brasileiro, e a *News Corporation*, no contexto mundial, são exemplos de instituições poderosas, que a cada dia pautam e desconfiguram a sociedade, para uma sociedade do espetáculo, a qual segundo Coelho, por meio do

poder dos conglomerados comunicacionais fortalece-se e a indústria cultural, articulada mundialmente, transforma-se no porta-voz ideológico do capitalismo, desqualificando qualquer visão contrária a ele como ultrapassada, promovendo assim o pensamento único, em relação ao qual não há alternativa. (2011, p.60)

E é a partir deste pensamento, que se adentra a terceira linha de pensar deste artigo “Indústria cultural e a manutenção do poder da aparência”.

#### **4. Indústria cultural e a manutenção do poder da aparência**

Na terceira linha de pensar a respeito do tema, inicio colocando um trecho de Adorno e Horkheimer que dialogam sobre os desdobramentos da indústria cultural no meio social. Para ambos

o consumidor não é o rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é o sujeito dessa indústria, mas seu objeto. O termo *mass media*, que se introduziu para designar a indústria cultural, desvia, desde logo, a ênfase para aquilo que é inofensivo. Não se trata nem das técnicas de comunicação como tais, mas do espírito que lhes é insuflado, a saber, a voz de seu senhor. A indústria cultural abusa da consideração com relação às massas para reiterar, firmar e reforçar a mentalidade destas, que ela toma como dada *a priori* e imutável. É excluído tudo pelo que essa atitude poderia ser transformada. As massas não são a medida, mas a ideologia da indústria cultural, ainda que esta cultura não possa existir sem a elas se adaptar. (1997, p. 134)

Com este trecho dos filósofos Adorno e Horkheimer é notado como a indústria cultural dopa os indivíduos e os deixa sem pensar, lhe dando uma maneira de pensar particular ao sistema, o qual ignora a cultura plena humana.

Destaco agora, dois trechos de Bruno Pucci que dialogam a respeito da indústria cultural. No primeiro Pucci, diz que “(...) a interferência da indústria cultural da mesma maneira que submete a liberdade e a atividade do sujeito pensante, despotencializa sua capacidade de perceber e de sentir, gerando nele o conformismo, a adaptação, a regressão de seus sentidos. (2001, p. 37)” E ainda,

hoje, a arte degenerada industrial (...) leva ao extremo a contradição entre os produtores e os consumidores da cultura: estes últimos não tem necessidade de elaborar a mais simples cogitação, a equipe de produção pensa o tempo todo por eles. Enquanto a arte séria, expressão estética de um sofrimento sublimado, assume contradições reais, aponta dissonâncias de seu tempo, e como *promesse de bonheur*<sup>2</sup>, mesmo vivendo na era da troca, antecipa um mundo não mais regido pelos valores do mercado (...). (2001, p. 38)

Com estes pensamentos, pode-se analisar que a sociedade hoje despotencializa o ser humano, enquanto Homem, retirando suas capacidades de ‘*homo faber*’ (o homem que faz), este sujeito da contemporaneidade agindo simplesmente como um coadjuvante social, seu protagonismo sendo retirado e sua capacidade de expressão sendo limitada.

## 5. Da colônia a teia global

---

<sup>2</sup> Promessa de felicidade

O século XX foi caracterizado por rápidas transformações e avanços em quase todas as esferas da sociedade. Em meio às descobertas e desenvolvimentos científicos e tecnológicos, os países advindo com o século XXI, prosperam de inúmeras formas trazendo uma enorme confiança no progresso de suas ciências e mercados.

Essas sociedades em plena transformação consolidam suas classes que passam a dominar os cenários socioculturais, determinando várias tendências que se materializam ao longo do tempo. Agora, embora estes avanços sejam benéficos para o todo, não se tornam positivos essencialmente para todos. Conforme o crescimento valida certas classes sociais, desprestigia outras. Assim aos poucos e com o decorrer de um tempo as classes sociais vão se distanciando de uma maneira, que não se encontram mais, ou melhor, não interagem da maneira como deveriam. Desta forma as diferenças vão se instaurando e as culturas se tornam distantes, embora a globalização pregue sua homogeneização.

Com o avanço destas distâncias, as sociedades vão se configurando de uma maneira a colocar seus indivíduos em caracterizações de representação. Como exemplo, vemos o milionário saindo de sua mansão com seu carro importado novo do ano, indo para o seu emprego em uma grande multinacional, onde necessita falar em uma outra língua para uma negociação com um mercado externo, e na mesma cidade, no mesmo local, se vê um sem-teto dormindo na calçada, em frente a empresa multinacional, o qual sua única fonte de sobrevivência é pedir para poder existir, se utilizando dos entrelugares da sociedade para se instalar, usufruindo das assistências sociais para que possa ter o mínimo de dignidade.

E esta pesquisa se instaura exatamente neste entremeio para discutir como essas identidades são formadas, partindo de um “ponto zero” e podendo se distanciar de tal modo. Como de certa forma estas identidades dialogam, como uma pode ser formadora de outra. O que leva uma identidade a ser formada e a mesma entrar em crise? E como uma crise pode levar a uma evolução identitária? Até que ponto este processo pode vir a ser benéfico para uma caracterização geral da sociedade? O que é este indivíduo, como é sua identidade e como é esta sociedade o qual habita? Como os descolamentos e descentramentos acontecem e para que servem, todos estes efeitos sendo implícitos ao processo formador da globalização?

A identidade cultural é o que define o que cada um é e o que nos diferencia uns dos outros. Uma nação bem como seus sujeitos possui identidades culturais próprias. Para Stuart Hall, não é exatamente a nação em que cada sujeito nasce que representa uma identidade cultural. No mundo moderno, conclui: “as culturas nacionais em que nascemos constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”. (2005, p. 47)

De um modo geral, uma identidade nacional, é o que define um traço próprio,



exclusivo de identificação para um país ou um povo. A formação de uma “cultura nacional contribui para criar padrões de alfabetização universal, generalizar uma única língua dominante em toda a nação, criar uma cultura homogênea. Uma cultura nacional funciona como um sistema de representação” (HALL, 2005, p. 50) para a identidade nacional.

Antes de analisar, esta citação de Stuart Hall, é impossível não fazer um levantamento dos respectivos conceitos de: Cultura e Nação e dos sistemas que estes representam. Uma definição possível para cultura é “o complexo de padrões de comportamento das crenças, das instituições e de outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade (FERREIRA, 1986, p.508)”. Já para Stuart Hall, “a cultura é o meio partilhado necessário, o sangue vital, ou talvez antes, a atmosfera partilhada mínima, apenas no interior da qual os membros de uma sociedade podem respirar e sobreviver e produzir”. (2005, p. 59)

E toda esta atmosfera, necessita de uma ambientação, para que essas identidades sejam formadas, e este lugar é definido como nação. Uma “comunidade política imaginada” segundo Giddens (2002, p.212). Imaginada por que em toda população há sujeitos que desconhecem uns aos outros dentro do mesmo território. Representam identidades culturais diferentes ligadas por uma identidade nacional. Por isso, e em face de que cada nação não é formada por um único povo, cultura e etnia, as nações na verdade são considerados por Hall como “híbridos culturais” (2005, p. 47). Já segundo o dicionário Aurélio (1986, p. 1177), nação é um “agrupamento humano, em geral numeroso, cujos membros, fixados num território, são ligados por laços históricos, culturais, econômicos e linguísticos”. Assim, os indivíduos que estão incluídos dentro desta nação, praticam o nacionalismo intrinsecamente, o qual é tido como “a exaltação do sentimento nacional partilhado por um grupo de indivíduos” (1986, p.1177). Já o crítico literário Sílvio Romero chama de nacionalismo

o povo em suas origens, em suas produções anônimas, definindo a intimidade emocional, a sua visualidade artística. O nacionalismo está em nossas poesias, em nossas crenças populares, está no valor dessa contribuição cultural e etnológica como subsídio para a compreensão do espírito da nação exaltação do sentimento nacional; preferência marcante por tudo quanto é próprio da nação à qual se pertence: patriotismo. As artes integrando a política de nacionalização de um país (VELLOSO, 1993, p. 01).

No mundo moderno, as culturas nacionais em que se nasce se constitui em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos brasileiros ou portugueses ou ingleses ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso

estamos falando de forma metafórica. “Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes.” (HALL, 2005, p.47) Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial.

O filósofo conservador Roger Scruton fala que:

A condição de homem exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo – como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao qual ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar (SCRUTON, 1986, p.156 *in* Hall, 2005, p.48).

Ernest Gellner, a partir de uma posição mais liberal, também acredita que sem um sentimento de identificação nacional o sujeito experimentaria um profundo sentimento de não – pertencimento:

A ideia de um homem sem uma nação parece impor uma (grande) tensão à imaginação moderna. Um homem deve ter uma nacionalidade, assim como deve ter um nariz e duas orelhas. Tudo isso parece óbvio, embora, sinto, não seja verdade. Mas que isso viesse a parecer tão obviamente verdadeiro é, de fato, um aspecto, talvez o mais central, do problema do nacionalismo. Ter uma nação não é um atributo inerente da humanidade, mas aparece, agora como tal (GELLNER, 1983, p.06 *in* Hall, 2005, p.48)

O argumento que estarei considerando aqui é que, na verdade, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser “brasileiro” devido ao modo como a “brasilidade” veio a ser representada – como um conjunto de significados, pela cultura nacional brasileira. Como exemplo sabe-se que o Brasil é um país lembrado por futebol, carnaval, florestas. E se assim fosse seria pré-destinados todos a adorar futebol, amar carnaval e conhecer muito bem nossas florestas, mas sabemos que são falsas verdades, pois devido sermos brasileiros, não são todos os seus pertencentes que vislumbram esses caracteres. Ou seja, uma representação vendida, ou falseada do todo. Assim, “segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural” (HALL, 2005, p.49). As pessoas não são apenas cidadãos legais ou não legais de uma nação, eles intrinsecamente participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu “poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade” (SCHWARZ, 1986, p. 106).

A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização, generalizar uma única língua nacional como meio dominante de comunicação em toda nação, cria uma cultura homogênea e mantém instituições culturais nacionais padronizadas. Dessa e de outras formas, a cultura nacional se torna uma característica-chave para as formações de identidade.

E são fatores como estes formadores que influenciam ou levam a formação de uma identidade de pertencimento de um sujeito a uma instituição. Porém, as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional pode se definir como um *discurso*. De modo a construir sentidos que influenciam e organizam tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.

Desta forma termino esta pequena discussão sobre os efeitos de poder das mídias na sociedade capitalista contemporânea, a qual teve como premissa primeira trazer uma reflexão a respeito da influência das mídias sobre os indivíduos. Como sabemos as mídias todas vieram, se instalaram e evoluem a cada dia mais, num processo ininterrupto, assim cabe a cada indivíduo (ator social) analisar a influência e os discursos que são passados, onde na verdade estas vertentes de comunicação não devem ser vistas apenas como processo comunicacional ou fonte de informações, mas sim como formadores de identidade (individuais e coletivas), cabendo assim um papel de extrema relevância social no sentido de potencializar seus agentes e não restringi-los a um papel submisso de apenas consumidores ou figurantes.

## WHY STUDY THE MEDIA? A REFLECTION OF ITS DEVELOPMENTS IN THE CONTEXT OF GLOBALIZATION

**Abstract:** This article aims to discuss four points within the media and Power contexts and its consequences in the (de) construction of identities before local to global now. The first discussion that this work will raise the postmodern aesthetics of democracy and capitalism / consumerism. The second is called the media effects and power in post-modern society of the spectacle. Following is discussed on the cultural industry and maintenance of the appearance of power. And the last topic within the article is titled the former colony to the global web, topic which will be discussed the impact that technologies bring to subjectivities modes of identities through the (de) construction, whether individual or collective. The result of the analysis of this article will lead to reflection within the contexts of (de) construction of contemporary globalized identities, beyond the discussion of an immanent reality to everyone within societies.

**Keywords:** Media. Power. Identity.

### Referências

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa* Caldas Aulete. 5. ed. Rio

*Revista Língua & Literatura*, v. 18, n. 31, p. 14-25, ago. 2016.

de Janeiro: Delta, 1964.

ÁVILA, F. B. *Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo*. 2. ed. Brasília: FENAME, 1976.

COELHO, M. G. P.; FREIRE FILHO, J. *A promoção do capital humano: mídia, subjetividade e o novo espírito do capitalismo*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio*. 6. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

GIDDENS, A. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

HORKHEIMER, M., e ADORNO, T. W. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

PUCCI, B. Teoria Crítica, Estética e Educação. São Paulo: UNIMEP, 2001.  
*Revista Cult*, n. 154, fev. 2011.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, 1993.